



Que a paz volte com 1915!

(Desenho de Stuart Carvathaca).

Segunda série — N.º 462

Lisboa, 28 de Dezembro de 1914

Ilustração Portuguesa

Diretor: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, L.ª D.ª
Editor: José Joubert Chaves

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

EDIÇÃO SEMANAL
DO JORNAL O SÉCULO

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

AGENCIA DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» EM PARIS
Rue des Capucines, 2

Trimestre	1\$20 cent.	Numero avulso	
Semestre	2\$40 "		10 centavos
Ano.....	4\$80 "		



Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL	
Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Réis.....	550.316\$000



Inglez pratico

O NOVO METODO
Inglez em 15 dias

sem livros, sem estudo, com pronunçação ilgurada e conversação, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se lições separadas a 50 réis. Curso completo 500 réis. Propriedade do autor. Pelo correlo 520 réis fortes. Remete-se a quem enviar esta importancia em vale do correlo a Mr. F. Alexander.

95, Rua Nova do Almada, s/l. D.
LISBOA

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



XAROPE FAMEL

CURA
INFALIVELMENTE
BRONCHITES
Mesmo Chronicas

TOSSES
ASTHMA

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as farmacias ou no deposito geral
J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.
Franco de porte compranda 2 frascos.

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percallne de fantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ottimo efeito.

PREÇO: 360 réis

Tamhem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envlam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remtida em vale do correlo ou selos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

O Seculo Agricola

SEMENARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animais, etc.

PREÇO, 20 RÉIS CADA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos: analyses e informações.

POR ASSINATURA: Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 462

28-12-1914

Natal

O Natal, sendo a festa do lar, a festa dos velhos e a festa das crianças, é essencialmente a festa da Paz. Os velhos e as crianças tem, este ano, n'esta devastada Europa, os filhos e os paes na guerra—e, por toda a parte, a intranquilidade e o desespero semearam receios e lagrimas. A Humanidade, debatendo-se, mais ainda em incertezas moraes do que em lutas materiaes, perdeu n'este momento, em face do dia d'amanhã, a sensação da sua propria continuidade espiritual. Ora



MEIA NOITE

a noite do Natal é sobretudo bella porque, entre todas as outras noites do calendario, é a que, no coração do homem, melhor e mais ternamente desperta a evocação religiosa e familiar da tradição, que os velhos representam e da fé, que as crianças simbolisam, unidas em torno da mesma meza e da mesma lareira fumegantes. Por isso, houve certamente, este ano, quem comesse rabanadas—e o Papa teve mesmo a simpatica intenção de querer mandar essas rabanadas para os campos da Flandres e da Polonia. Mas o doce menino Jesus, companheiro n'essa noite de todos os lares, é que, deus do amor, não desceu, como de costume, á terra, enopada em odios—e do sagrado jardim dos ceus limitou-se a mandar aos pequeninos um beijo distante e distraído. Natal! Natal! Meu lindo Natal da paz, meu triste Natal da guerra!

Flores de França

Um soldado francez, ferido nos Vosges e feito prisioneiro pelos alemães, conseguiu com outro soldado, seu compatriota, evadir-se do campo de Hammelburg e, no fim de desasete dias de asperas caminhadas, transpor em Schaffouse a fronteira suissa e regressar a França.

Um jornal parisiense narra as aventuras d'este gaulez heroico: as longas horas passadas, entre os feridos, na pequena igreja de Jeaulblize; a entrada dos alemães na aldeia; o aprisionamento da ambulancia; a partida, depois, entre uma escolta de infantaria imperial, para as linhas alemães de Conflans—e, por ultimo, a abalada terrivel para o hospital militar de Metz. A população assiste na rua á condução dos feridos pelos enfermeiros As mulheres cho-



ram, dissimulando mal as lagrimas. A ambulancia vae partir, os olhos dos francezes fixam-se pela ultima vez na terra triste da patria. De subito, por entre a desordem da partida, quando tudo está já em marcha, uma rapariga, afrontando a colera dos officiaes prussianos, rompe a linha dos soldados e atira sobre os prisioneiros uma mólhada fresca de rosas:—*Ce sont des fleurs de France!*— diz. Não refere a narrativa se os alemães brutalisaram, segundo o seu costume, a camponeza—mas o que é verdade é que esta rapariga conseguiu resumir, no seu gesto e na sua frase, toda a expressão do heroismo francez e toda a gentileza da sua raça. *Ce sont des fleurs de France!* Era a propria alma franceza que falava.

Na Belgica

Von der Goltz chegou a Constantinopla e, mal instalado ainda, recebeu os correspondentes dos



jornaes estrangeiros. A um d'elles, um austriaco, declarou solemnemente: «Toda a população da Belgica vive na melhor paz; o commercio e as communicações comecam a reviver.»—Ao mesmo tempo, os jornaes francezes, sob o titulo *Para os nossos amigos* continuam a publicar anuncios, pedindo abrigo para as inumeras familias belgas que todos os dias se expatriam, reduzidas á miseria extrema. A terrivel ironia dos alemães! A paz na Belgica—é a paz dos cemiterios.

Do meu registro

Barcelona acaba de aclamar no Teatro Apolo, a *Santa Inquisição*, de Julio Dantas, consagrando, com a obra forte e bela do dramaturgo, o nome do seu ilustre autor. A *Santa Inquisição* é uma peça que pôde dizer-se peninsular, pela sua indole, pelo seu processo, pela sua combativa construção. Por isso, o drama de Isabel Conti, mulher de Miccer Antonio e a figura do Cardeal Inquisidor Geral, serão ainda mais sentidos em Hespanha do que o foram em Portugal, onde despertaram lagrimas e paixões.



AUGUSTO DE CASTRO

(Ilustrações de Manoel Gustavo).

A Ribeirinha

Os sinos da Sé de Coimbra tangiam lugubrememente á morte de Sancho I.

Pouca gente o chorava: alguns homens de seu côte, um hístrião e uma mulher a quem ele chamára sua no segredo da alcova, mas que Innocencio III amaldiçoara como feiticeira ruim. Talvez tivesse razão o pápa. Vejamos:

Era esta mulher Maria Paes Ribeiro — a *Ribeirinha*; — muito branca de pele, cabeleira fulva, tipo ardente e perigoso em cujo olhar extremamente brilhante se abria um abismo de perfidias e de cujo corpo fransino, mas harmonioso e flexível, se exalava um embriagador perfume de sedução.

Fôra *dona* da rainha Doce; e n'um dos frequentes saraus que D. Sancho realisava em seus paços de Coimbra, certa noite, quando o luar beijava castamente as açucenas e bondosamente

petir aquelas ingenuas palavras de mal fundada confiança:

.....
"Ay flôres! Ay flôres do verde pyno
Se e sabedes novas do meu amigo
Ay Deus, e hu é?"
.....

Se sabedes novas do meu amado
Aquele que mentiu do que me ha jurado
Ay Deus, e hu é?"

Pouco a magoaria que o seu amado traisse as juras de amor; ele era o rei; ela quasi rainha... tanto bastava!

.....
Ora, entre os nobres que mais galanteavam a

linda Maria Paes, fizera-se notar por uma estranha persistencia Gomes Lourenço Viegas — neto do honrado Egas Moniz.

Emquanto João Saraiva — o *trovador* — e Paes Soares doneavam e versejavam sem mais intenção que a do singelo galanteio, Lourenço Viegas, falando pouco, ora sonhando tristemente com seus desventurados amores, ora febril de desejos, como um louco, era sempre nos olhos da *Ribeirinha* que os seus pou-

savam, ora velados de embriaguez, ora laivados de paixão.

Ela odiava-o porque o temia. Uma noite — quando ao fim do sarau, Bonamis, bufão do rei, fazia as ultimos esgares d'um arremedilho e os cavalheiros discutiam em grupos afastados, Lourenço Viegas abeirou-se d'ela e, tocando quasi com os labios as madeixas dos seus cabelos, dissera-lhe n'uma grande tremura de voz:

"Senhora! Porque não heis-de amar-me?..."

Ela sobresaltára-se; mas o saráu acabára; ergueu-se e disparando-lhe ao rosto uma gargalhada feroz encaminhou-se pelos corredores sombrios para a alcova real.

Sancho não vira tão entretido estava na contemplação das lascivas jogralizas!

I

Desde então nunca mais Lourenço Viegas lhe falára do seu amor, mas as suas trovas repetiam-



os pilhiteiros do monte, a boca sequiosa do rei beijára loucamente os labios vermelhos da dama.

Desde então foiam amantes.

D. Sancho, homem rude, forte e generoso, possuía uma alma sensível, puramente medieval, apaixonada por mulheres e por versos como a d'um trovador da Provença. Amava e poetava sentidamente o 2.º rei de Portugal. Mas era ciumento! Horripelmente ciumento! Assim, quando os negocios do estado o obrigavam a deslogadas ausencias partia com o coração apertado, os olhos cheios de lagrimas, a alma envolta em crepes.

Então, ingenuamente, escrevia saudosos versos que deixava á amante para que ela os cantasse pensando n'ele. Crêduo espirito! E lá se partia mais tranquilo.

D'esses cantares — os mais antigos da nossa literatura — era um muito querido da *Ribeirinha*; não porque n'ele a sua alma encontrasse alívio de tristezas que não sentia, mas porque a divertia re-

no todos os dias, resumbrando a amargura da sua sina.

Maria Paes conseguira dominar os receios, habituada já aos modos do triste poeta.

E agora, quando os sinos lamentosamente do-
bravam á morte d'aquelle amoroso rei que por ela
tudo fizera—até descer, para a buscar, o supedane-
o do trono e ergue-la ao talamo virtuoso da
pobre rainha Dóce—agora, toda entregue á dôr de
o ter perdido, a *Ribeirinha*, abandonando o corpo
sedutor aos almadaques do leito, desalinhada,
carpia amargamente a sua queda do solio.

Duas vezes—durante a agonia de Sancho—qui-
zera abeirar-se do seu leito; mas em volta do leão
moribundo velavam: o bispo de Coimbra e o ar-
cebispo de Braga, o abade de Alcobaça e o prior
de Santa Cruz, seguindo avidamente os progres-
sos da morte que os livraria do rei que tanto mal
lhes fizera em vida, cortando-lhes as azas da am-
bição, e que
ao finar-se le-
gava marcos e
marevais sem
conta á humil-
de pobreza dos
legados de Ro-
ma!

Quando Maria Paes assumára ao largo
portal da quadra o bispo de
Coimbra olhan-
do—a severamente estende-
ra o braço her-
culeo. E ela,
curvando a
frente, voltára
soluçando á
sua alcôva. Mas
tudo ali lhe fa-
lava d'ele e lhe
parecia morrer
com ele. E, sem
poder dominar
os nervos, sa-
bendo-o morto, deitára de novo aos corredores
na direção da camara real.

Um tocheiro extinguiu-se lá ao fundo e pelas
arcarias dansavam sombras macabramente.

De subito, um vulto negro avançando d'um re-
canto, quando ela passava, murmurou:

—Senhora...

Maria Paes confrangida de medo, articulou a
custo:

—Quem sois?!... Que me quereis?!

Então, amargamente, o vulto respondeu:

—Tão mudado estou que até nem pela voz me
conheceis?!—Tendes razão, senhora!

Sou uma sombra do que fui... Póde morrer-se
de amor; o pobre Roiz de Palmeira o tem prova-
do!...

—Que me quereis?... interrompia-o ela a cada
palavra.

—Quem sou? Sou Lourenço Viegas! Aquele mi-
sero que outra culpa não tem do mal que o aca-
ba, senão a de vos amar!

«Deixae-me!... Deixae-me!...»

«Que vos quero? Quero-vos!...»

«Ao menos respeitae El-Rei... sois um cava-
leiro!»

«Respeita-lo porque? E quem respeita as minhas
dôres? Até na morte o invejo... Amo-vos.. Amo-
vos!...»

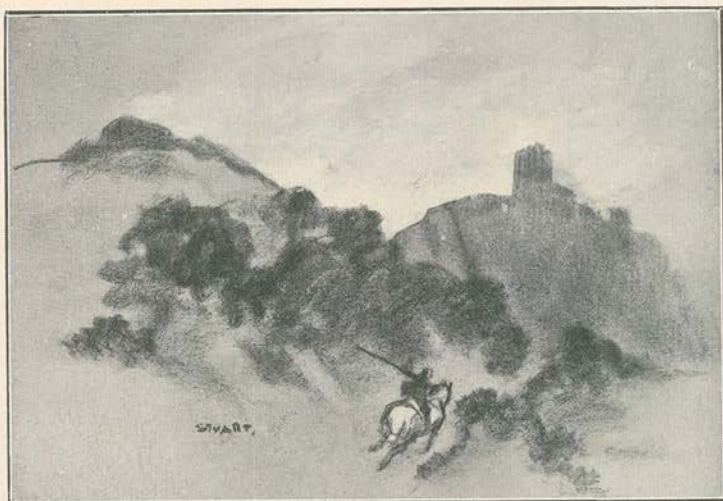
A *Ribeirinha* apavorada arrepiou os passos e
de corrida ganhou a camara fechando-se por dentro.

No fundo do corredor Lourenço Viegas jurou
soturnamente:

«Pela cruz! Has de ser minha!»

III

Enterrado Sancho I em Santa Cruz de Coimbra,
partiu Maria Paes com seu irmão Martim Ribeiro
para as suas terras de Vila do Conde.



De rigoroso luto, muito branca no seu vestido
branco, cavalgava em silencio, repassando toda a
vida desde que, de simples donzela de rainha,
subira a barregã de principe, até á rapida queda
por aquele aspero pendor que ora descia e em
cujo fundo lobrigava desoladoramente a frieza e o
recolhimento forçado nos velhos paços de familia.
Só muito vagamente lhe lembravam as cenas dos
ultimos dias. Sofrera tanto! Martim Ribeiro caval-
gava em silencio tambem.

Perto de Avelãs, no termo de Anadia, já noite,
atravessavam um pinhal cerrado quando, de uma
clareira, lhes saiu pela frente um cavaleiro bra-
dando:

«Parae lá, se sois Martim Ribeiro!»

«Eu sou... e Nós?»

«Gomes Lourenço Viegas...»

«Meu Deus!» murmurou ela.

«E que me quereis!...»

Uma gargalhada respondeu e logo impetuosa-
mente:

«Quero a comboça real que me enfeitiçou de amor e me escarneceu depois!..»

Um sobre o outro se precipitaram os dois fidalgos. As lanças quebraram-se no primeiro choque e, violentamente arrancado da sela, Martim Ribeiro caiu sem acôrdo.

Maria Paes apertou a mula em que montava para fugir. Baldado empenho! Ao sentir resfolegando a seu lado o ginete de Lourenço Viegas, de raiva e de temor perdeu também os sentidos.

N'um momento a passou o desatinado cavaleiro para o seu arção e, n'um galope infernal, muito inclinado sobre o corpo d'ella, queimando-lhe a pele com a ardençia dos beijos, correram sem descação o caminho de Leão, envoltos n'um manto azul de luar.

IV

Voltando a si do curto desmaio, Martim Ribeiro montou de novo a cavallo e, a toda a brida, partiu para Castelo Rodrigo, a riba de Cóa, onde Afonso II começára de reinar.

O afrontado irmão da *Ribeirinha*, impando de prosapias, sentindo-se talvez um pouco tio do filho de Sancho, entrou á sala onde ele despachava e, olhos laivados de sangue, mãos crispadas na espada, bradou:

«Justiça! Justiça!..»

Não sabia que cuidar, surpresa, El-rei quando a repelões ouviu o sucedido.

Tambem Afonso II via na ação do ousado fidalgo uma afronta á memoria de seu pae. Mal sofrendo a colera escreveu logo ao rei de Leão pedindo lhe que emprasasse o raptor a voltar a Portugal.

Fernando de Leão cumpriu mas Lourenço Viegas, justamente receoso, obstinava-se em ficar onde estava.

A vida de ambos era uma tortura constante. De principio ele respeitara-a cuidando que a constancia do seu amor suavisaria aquella dura alma de mulher.

Mas tudo fôra inutil. Uma noite em que elle humildemente ajoelhado a seus pés rogava, um sorriso apenas, ella cuspirá-lhe um insulto e com o pézinho calçado em seda bordada baterá-lhe na cara.

Então, farto, cansado, perdida toda a esperança de a alcançar por bem, sentindo no cerebro turbilhões de sangue, agarrára-a e violentamente n'uma luta feroz de duas cegas vontades, dominára-a a custo dos rijos musculos e fôra brutal como um eguariço elle que tinha a alma sensível d'um trovador!

Retomado da loucura arrependeu-se do feito. Não lhe estava nos brios.

Maria Paes guardava comsigo o rancor que lhe tinha e tratava-o com aparente desprezo. Porém quando ouviu que o rei de Portugal escrevera e que Lourenço Viegas não acedera ao pedido de Fernando de Leão

uma ideia terrível lhe passou pelo espirito.

Mudou de tática. Abrandou as asperezas do trato e chegou mesmo a consenti-lo junto d'ella, ajoelhando a seus pés, tangendo o manicórdio e cantando tristezas.

Amoroso e credulo, deixou-se Lourenço Viegas enlevar n'aquelle encanto dos olhos e da alma sem presentir que a malha da perfidia o apertava docemente a cada sorriso da amante.

Por fim alcançou esta, com a promessa do perdão e do casamento, dispo-lo a partirem para Portugal.

Ingenuo amante! Como todos os amantes! Certa manhã montaram a cavallo. Maria Paes vinha linda sobre a hacanea axairelada de ricas bordaduras. Quando chegaram a Castelo Rodrigo, Afonso II — avisado — esperava-os.

Ao vêr o rei apou-se de salto a *Ribeirinha* e correndo para elle, subitamente mudando o parecer, de joelhos, com grandes brados e muitos prantos, disse:

«Senhor! Senhor! Justiça contra o meu roubador!.. Por força... á traição me filhou... teve-me presa... Senhor! Senhor! Justiça!..»

Lourenço Viegas, assombrado, nem se desceira do cavallo. Podia um tão belo e tão pequeno corpo de mulher arbrigar uma tão venenosa alma de demonio?!

Afonso II ergueu-a e severamente interrogou o pobre fidalgo:

«E' verdade o que ella diz?»

«Senhor, sim.»

«Porque a roussaste?»

«Amava-a e resistiu-me...»

«Porque fugiste?»

«Receava-me de vós... e mais d'ella!»

«Mas roubaste-a! E' crime de morte...»

«Forcei-a porque me insultou; enlouqueci de desespero e de amor!»

«Vaes morrer.»

«Morto venho, senhor!..»

E uma grande tranquillidade lhe pousára no rosto. Nem dôr, nem odio, nem saudades da vida...

Ali mesmo o degolaram e as suas ultimas palavras foram ditas como n'um sonho, olhos nos olhos d'ella:

«Tive-a!... Tive-a!..»

Duas grossas lagrimas lhe rolaram pelas barbas. Um instante depois rolava pelo chão a sua cabeça esbelta.

Afonso II vo!tou as costas com repugnancia.

Martim Paes suspirou satisfeito da vingança; e a *Ribeirinha* foi-se cantando alegremente:

«Ay flores! Ay flores
do verde pyno!»

RUY CHIANCA.

Lisboa — Dezembro—1914.



Agostinho Franco

Pobre Agostinho Franco! Matou-o, aos 53 anos, o trabalho — esse trabalho inteligente, aturado e febril, com que o homem cria alguma coisa de superior que lhe ha de sobreviver; esse trabalho que absorve toda a sua vida, que agita todos os seus sonhos e que não o deixa ainda nas frases entrecortadas do seu delírio de moribundo! Quando todos aspiram aos lugares supremos da sua carreira para descansar e n'elles encontram meios de prolongar a vida, Agostinho Franco redobrou de trabalho, ao ser promovido a director geral da estatística.

Desde os 16 anos a lidar com numeros, ninguem compreendeu entre nós tão bem como ele o grande valor das estatísticas, inteligente e conscienciosamente applicadas aos estudos das forças economicas do paiz e ás fundamentaes reformas administrativas de que tanto carecemos.

Não é em meia duzia de linhas que se pode dar hoje uma idéa da sua

obra colossal, prestando simultaneamente uma sincera homenagem de justiça á sua memoria; havemos de fazel-o com vagar e serenidade.

Ha anos que ele não descansava um momento; nem ao menos contrapunha ao trabalho exgotante dos numeros alguns momentos reparadores de deleite artistico, pois Agostinho

Franco era um dos nossos primeiros criticos musicaes e um musico distinto: tocava primorosamente violoncelo.

Abandonou o seu instrumento querido e deixava sempre o teatro, aonde o chamavam os seus deveres de critico, para ir trabalhar até o sol vir encontrar-o absorto na sua tarefa!

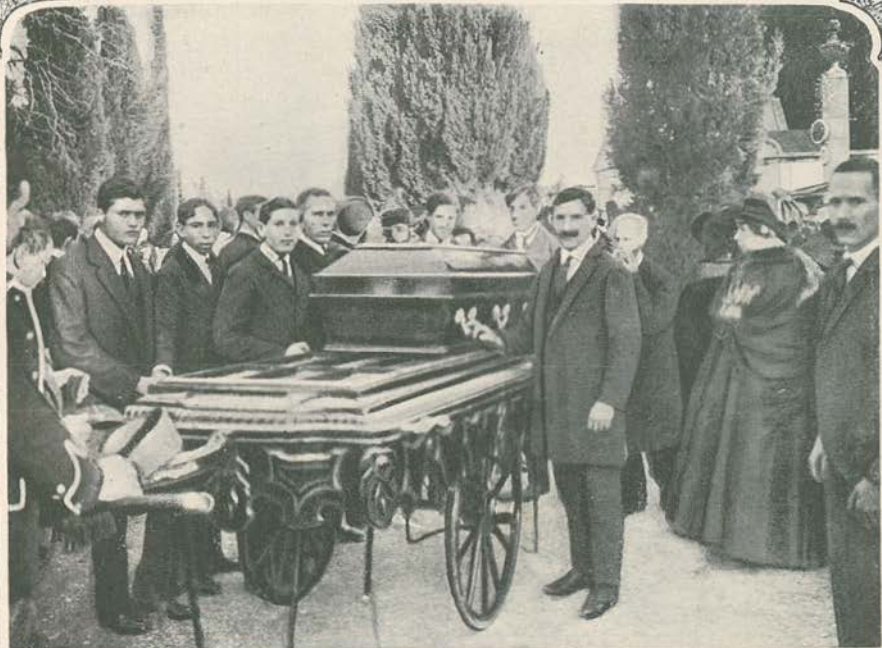
E a doença surpreendeu-o, extenuado, impressionavel, sem a menor reserva de alentos para lhe opôr.

Em poucos dias subjugou-o e baldeou-o no tumulto, perdendo o Estado um funcionario modelo, a familia um chefe adoravel e os amigos um bom amigo.

Pobre Agostinho Franco!



O sr. Agostinho Franco, director geral da Estatística, falecido em 16 de dezembro



No cemiterio dos Prazeres: A urna com os restos mortaes de Agostinho Franco ao entrar no jazigo
(«Cliché» Benoliel)

Figuras e Factos



Casamento em Espinho — Os noivos, sr.^a D. Berta de Lourdes Ribeiro da Gama, e o tenente de Infantaria, sr. Zeferino Camossa Ferraz d'Abreu, saindo da igreja depois da cerimonia religiosa.—(Cliche do distinto fotografista A Cruz).



2. O novo major general da armada, o vice-almirante sr. Xavier de Brito — 3. O sr. visconde da Ribeira Brava, novo governador civil de Lisboa — 4. O novo chefe do estado-maior da maioria general da armada, o capitão de mar e guerra sr. Antonio d'Almeida Lima — 5. O sr. dr. Pereira Osorio, novo governador civil do Porto



O sr. Eduardo Rodrigues Costa, o enfermeiro naval tão barbaramente assassinado pelos alemães em Mazina, no Niassa, foi um dos heróicos da revolução portugueza. Foi ele e Coelho Flores os primeiros marinheiros que saíram do quartel para o Arsenal de Marinha na manhã de 1.^o d'outubro e dos que mais se evidenciaram na defesa da Republica.

O forte de Cuangar, atacado pelos alemães, onde foram mortos dois officaes do exercito portuguez e todas as praças que o guarneciam



1. O sr. Domingos Viegas, proprietário em Tavira, e all falecido — 2. O sr. Domingos José Gonçalves, chefe de secção dos Caminhos de Ferro Portuguezes, falecido em Lisboa — 3. O sr. Merculano Antonio Faustino Pereira, proprietário, falecido na Atalaia do Entroncamento — 4. O sr. Abel de Barros, proprietário do Grande Hotel de Inglaterra, em Lisboa, falecido ha dias — 5. O sr. Antonio Rodrigues da Silva, professor de desenho e pintura historica e pintor muito distinto, falecido em Lisboa — 6. O sr. José Nobre Correia de Brito, natural de Candosa e comerciante em Lisboa, ha dias falecido — 7. O sr. Francisco Mendes. Lopes, comerciante e agricultor em S. Tomé, falecido em Lisboa.



Sr. Manuel Murtinheira

Novo chefe de policia.— Em recompensa pelos bons serviços prestados á policia de investigação criminal como agente, foi nomeado chefe da mesma policia o sr. Manuel Murtinheira, que substitue o chefe Romão Ferreira ha pouco falecido. O novo chefe goza da simpatia dos seus superiores, que lhe reconhecem excellentes qualidades para a sua profissão.



O novel ator sr. Saul d'Almeida

Novo ator.— Na peça *O crime da Avenida 33*, em cena no teatro do Ginasio, debutou o novel ator Saul de Almeida que, n'um papel secundario que n'aquella peça lhe foi distribuido, demonstrou decidida vocação para a arte a que vae dedicar-se. Estudioso como é, muito tem a arte a esperar do seu concurso.

Distribuição de premios.— Na Escola Officina n.º 1, á Graça, realisou-se uma exposição de trabalhos dos alunos da mesma escola, para a celebração da qual se effetuou uma sessão solene a que assistiram os srs. ministros do fomento e da instrução, que tiveram palavras de elogio não só para as creanças



que concorreram com o produto do seu trabalho para embelezar aquelle certamen, mas tambem aos seus dirigentes re'os esforços que empregaram para que ellas progredissem nos seus estudos. A exposição, que era interessaantissima, foi muito visitada e os trabalhos expostos muito apreciados.



10. Os membros da direcção da Escola Officina n.º 1 e os ministros do fomento e da instrução, srs. Eduardo Alberto Lima Bastos e Frederico Antonio Ferreira de Sitas — 11. Um aspecto da exposição da Escola Officina n.º 1

A
GUERRA
JUNQUEIRO
-1914-



A GUERRA

A Europa inteira erguida e alvoroçada,
Cantos de guerra então em grito forte;
O kaiser, orgulhoso, arrisca a sorte
Do seu exercito e da sua armada:

Nega-lhe o Papa a benção desejada
E as nações todas, desde o sul ao norte,
Contra o tirano bradam «Morte, morte...»
E á uma investem pela mesma estrada:

Se Elle, em nome de Deus, vae impiamente
Levar o luto e a dor — Quem não a sente? —
A um mundo infindo, só porque lhe apraz!

Aos Ceus que não protegem homicidas,
Kaiser, responderás por tantas vidas:
Deus não é pela guerra, é pela paz.

Uma Papoila



Moderato.
elegante
Ped.
rall. molto
a tempo
Ped.
longamente.
rall.
a tempo
rall. molto
molto
rall. molto
molto mosso
rall. molto
Andandisi.
elegante
Ludov. 17. XI. 14.

Madame Vaz Monteiro, tão apreciada pelo seu talento de cantora e de pianista, acaba de revelar-se uma compositora de muito merito, sendo a primeira senhora que apresenta trabalhos orquestraes.

Causou delirio a sua estreia no dia 13 d'este mez com uma *Suite*, que é um verdadeiro mimo musical, executada pela orquestra do illustre maestro David de Sousa. Agradecemos á talentosa virtuose a deliciosa e inspirada pagina, com que expressamente se digna honrar a *Ilustração Portuguesa*.

PORTUGUEZES NO BRAZIL



Esteve em festa o consulado de Portugal em Manaus, a fim de comemorar o aniversario da Republica Portugueza. O consul, sr. dr. Pedro Cid, teve occasião de constatar o quanto o amor patrio predomina no espirito dos nossos compatriotas residentes n'aquella provincia brasileira. Mas, e isto consola-nos profundamente, muitos brasileiros foram tambem á casa do consulado manifestar a sua simpatia pelo nosso paiz, fazendo-se acompanhar de duas bandas musicaes que, como cumprimentos, tocaram os hinos portuguez e brasileiro. O sr. dr. Pedro Cid ofereceu gentilmente ás pessoas que lhe foram apresentar os seus cumprimentos uma taça de «champagne», trocando-se n'essa occasião brindes muito afetuozos para as duas nações irmãs.



1. As bandas de policia e do 46 de infantaria tocando a Portugueza em frente do consulado portuguez de Manaus—2. O consul de Portugal com alguns membros da colonia portugueza e outras pessoas de destaque de Manaus

A EUROPA EM GUERRA

Continua a lutar-se: uns, pela propria autonomia e pelos principios da liberdade dos povos; outros pela absorção brutal do que lhes não pôde, nem deve, pertencer por principio algum.

Faça a Alemanha o que fizer: acabe por atirar até as mulheres com as armas nas mãos para as linhas de fogo, como tem atirado com os velhos e as creanças; invente os mais



O presidente da Republica franceza, Mr. Poincaré, felicitando o generalissimo Joffre, a quem entregou a medalha militar.

fantasticos instrumentos de morte e de destruição; devase com a sua torpe espionagem os segredos estrategicos dos exercitos e das armadas dos aliados; a vitoria nunca será d'ela.

Poderá ter vantagens de momento em alguns atos de temeridade e de desespero, quer arrojando as suas colunas contra posições, que lhe denunciarão como desprevi-



Nas trincheiras francezas: Um soldado cae ferido sobre outro e este pega-lhe na espingarda continuando a fazer fogo ate ao fim do combate.



2

das, ou os seus navios contra a costa inglezanos pontos que a espionagem a acusa menos vigiada'essa ocasião por motivos de estratégia.... nunca essas vantagens hão de redundar em conta para um triunfo decisivo.

Ai dos povos, que mesmo conservam de braços cruzados, se o imperialismo geima-



2

nico no meio das vicissitudes de tão prolongada luta tivesse uma aura de vitória! Não lhes reconheceria direito algum, não lhes agradecería essa neutralidade, que não passa de uma atitude de inconfessavel oportunismo. Seriam eles os primeiros a sentir o peso do seu despotismo extorsivo e humilhante.

1. A guarda avançada francesa nas trincheiras cobertas de neve, fazendo fogo sobre o inimigo.
2. A artilharia inglesa, escolhendo posições.



Infantaria franceza marchando ao longo do Oise no sitio onde o Aisne se junta áquele rio.—(De Illustrated London News).



7



2

Como na Bélgica ante a invasão alemã, as cidades da Prússia Oriental despovoam-se ante a invasão russa.



Calmo e sereno, como n'um campo de parada, um regimento escocês forma novamente, debaixo de um fogo vivo, para dar a sua ultima e brilhante carga.—(Do Illustrated London News).



7



2



3

4



1. Tropas indianas que defendem o canal do Suez do ataque dos turcos.—2. Um bivaque de infantaria inglesa sobre a neve.—(«Clichés Chusseau-Flaviens»).—3. O rei de Inglaterra e o rei da Belgica em Furnes: As tropas belgas desfilam deante dos dois soberanos.—4. O rei Jorge V e o rei Alberto da Belgica, seguidos do principe de Gales, atravessando a praça de Furnes depois da revista militar.—(«Clichés Chusseau-Flaviens»).



A entrega de una cabra, a «mascote» de un regimiento inglés prestes a partir para a guerra. —(«Cliché» Chusseau Flaviens).



O generalissimo inglês sir John French e o seu estado maior em Flandres.



O estado maior do exercito indiano em França



Prisioneiros civis russos e francezes em Berlim esperando o momento de lhes ser distribuída a sopa —(«Clichê» M. Branjer).

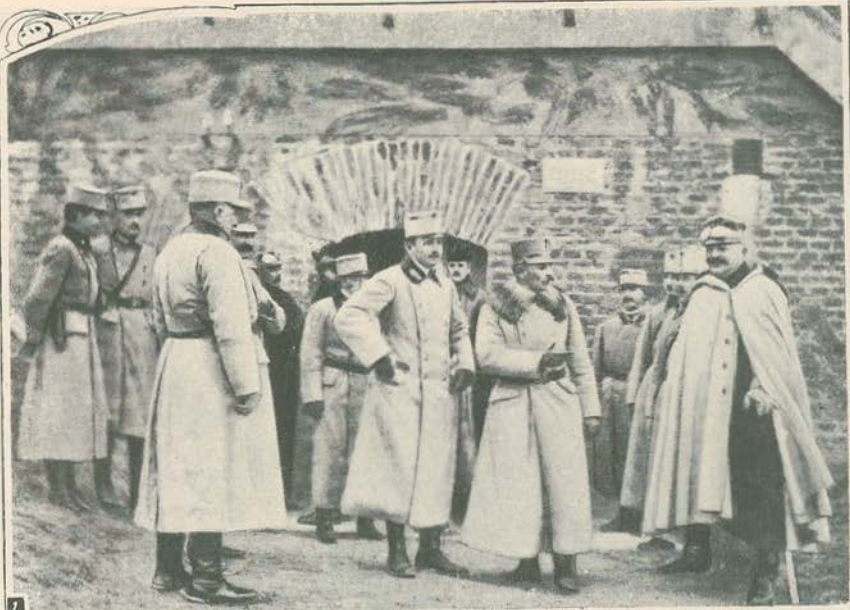


*Senhoras americanas que ofereceram os seus serviços
à Cruz Vermelha*

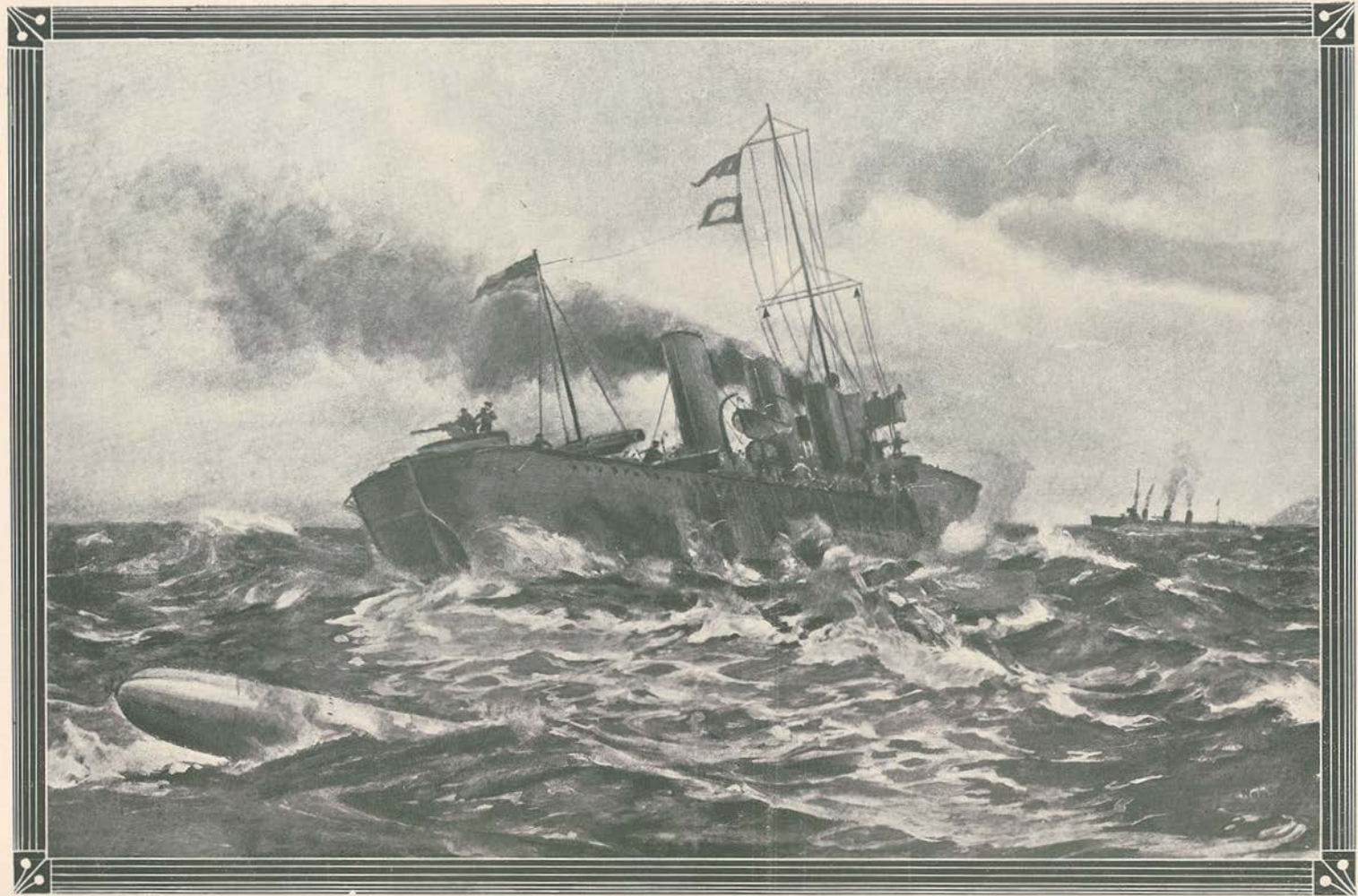




Heroico feito de armas de uma bateria de artilharia inglesa que, depois de dissipado o estoque, reconheceu estar a cerca de 600 metros das trincheiras alemãs, continuando a fazer fogo com a única peça que lhe restava.—(De Illustrated London News).



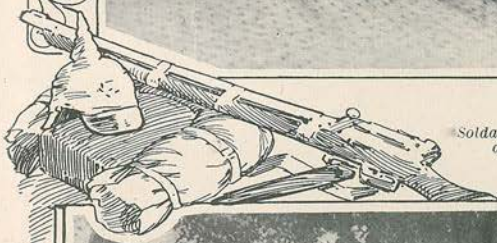
7 O arquiduke herdeiro da Austria e o general Kusmanek visitando um campo das operações de defesa.—2. Reservas austriacas marchando para as linhas de fogo.



Um destroyer inglez, devido a uma manobra rapida, consegue evitar o ataque de um torpedo alemão.—Do Illustrated London News).



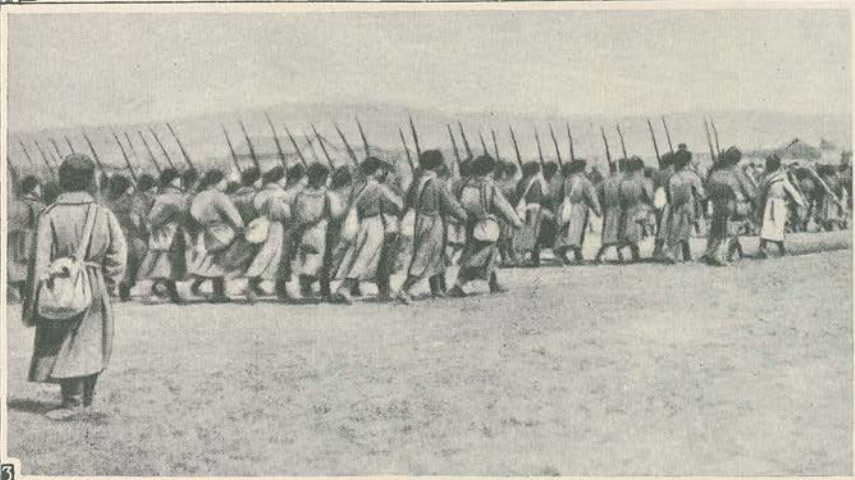
Soldados da Cruz Vermelha alemã, aprisionados e depois entregues pelos franceses.



Coluna alemã de munições em marcha



Rebanho de cabras guardadas pelas tropas indianas para a sua alimentação, visto não poderem comer outra carne, nem tomar leite que não seja de gado especialmente tratado pelos próprios índios. —(«Cliché» M. Branger).



1. Um regimento russo formado em uma aldeia depois de a ter tomado.—2. Uma guarda avançada russa.—3. Uma coluna de russos avançando sobre Cracovia.—4. A revista a um regimento russo antes da partida para a linha de fogo.



O major Richardron com o seu cão, que tem prestado grandes serviços nas trincheiras ao exercito inglez.—(«Clichés M. Branger).



Heroico feito de armas de uma bateria de artilharia inglesa que, depois de dissipado o estoque, reconheceu estar a cerca de 600 metros das trincheiras alemãs, continuando a fazer fogo com a única peça que lhe restava.—(De Illustrated London News).

No salão da "Ilustração Portuguesa"

Mais uma exposição de arte se realizou no salão da «Ilustração Portuguesa». Um grupo de artistas, alguns ainda frequentando a escola, onde tem recebido muitas distinções, expuzeram quadros de grande merecimento e que o publico muito apreciou.

Na verdade ha entre essas

obras algumas que mereceram da criticaas mais lisonjeiras referencias que honram sobremaneira tanto os seus expositores como os mestres que os dirigiram.

Os expositores, que aliam ás suas brilhantes qualidades de artistas a de bons e genuinos patriotas, resolveram destinar dez



Grupo de artistas que expuzeram os seus quadros no salão da «Ilustração Portuguesa»

Da esquerda para a direita—1.º plano: Sr. Armando Lucena, sr.º D. Ammé de Avelar, sr.º D. Maria F. Gonçalves Mauhin, sr. Carlos Bonvalot—2.º plano srs. Abel Mania, Oscar Charneca, José Justino de Sant'Ana, Albertino Guimarães, Alberto de Lacerda, Fernando dos Santos, Antonio d'Azevedo e Silva, Mario de Sousa Maia, 3.º plano: srs. Gilberto Renda, Alberto da Cunha e Andrade, Evaris to Alves Catalão, Tullio Vitorino, Eduardo Romera, Adriano Costa e Augusto do Nascimento.

(«Cliché» Benoitel).

por cento do produto da venda dos seus quadros a favor das vitimas da guerra.

Esta generosidade é muito para louvar, sabendo-se a luta incessante que muitos sustentam para podereem viver pela arte.



2



3



4



5



6

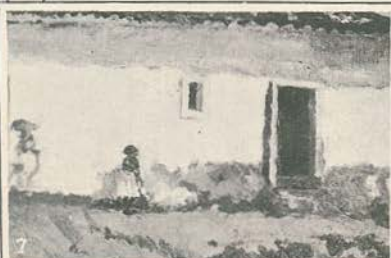
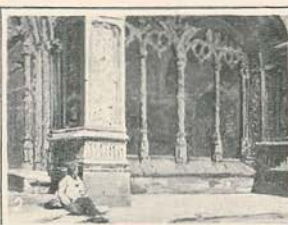
2. Barcos de Setubal, quadro da sr.º D. Ammé d'Avelar—3. Caes do Sodré, quadro do sr. Tomaz de Melo—4. Na praia, quadro do sr. Portugal de Lacerda—5. Cigana, quadro do sr. Martinho Fonseca—6. Es-tudo, quadro do sr. Raul Carneiro

Tomaz de Melo—4. Na praia, quadro do sr. Portugal de Lacerda—5. Cigana, quadro do sr. Martinho Fonseca—6. Es-tudo, quadro do sr. Raul Carneiro



Antelmo (Alfete), quadro do sr. Santos Junior — 2. Fumando pela primeira vez, quadro do sr. Azevedo e Silva — 3. A caminho da fonte, quadro do sr. José Justino de Sant'Ana — 4. A mulher que ri, quadro do sr. Augusto do Nascimento — 5. Natureza morta, quadro da sr.^a

D. Maria Mauhim — 6. Canaille, quadro do sr. Fernando dos Santos — 7. Auto-retrato, quadro do sr. Caetano de Carvalho — 8. A porta nova (Evo-
ra), quadro do sr. Adriano Costa — 9. Recanto da cidadeela (Peniche), quadro do sr. Alves Catalão — 10. Es-
tudo, quadro do sr. Osscar Charneca



1. Pinheiros, quadro do sr. Alberto de Andrade — 2. Claustro

dos Jeronimos, quadro do sr. Eduardo Romera, 3. Tarde (Sel-



Xas), quadro do sr. Gilberto Renda — 4. Luz dourada, quadro do sr. Abel Manta — 5. Varanda de aldeia, quadro do sr. Vitorino Tullio — 6. Manhã de Jamôr, quadro do sr. Armando de Lucena — 7. Casa da africana, quadro do sr. Mario Maia — 8. Marinha (Faro), quadro do sr. José Ramos — 9. Arredores de Coimbra, quadro do sr. Albertino Guimarães — 10. Poente (Algarve), quadro do sr. Samora Barros — 11. Artistas... em miniatura, quadro do sr. Carlos Bonvalot — 12. Cozinha aldeã, quadro do sr. Leandro Calderon. — (Cliche de Benoitel).

CIGARROS DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
 Muito efficazes contra a
ASTHMA
 Catarrho — Oppressão
 e todas affecções espiasmódicas das vias respiratorias.
 35 Anos de Bom Exitto. Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{os}
 6, Rue Dombasle, 6
 PARIS
 E BOAS PHARMACIAS

Uma **BELA CABELEIRA**

A pomada NITAL do dr. Lefan é a melhor, e a mais maravilhosa, contra a queda dos cabelos e a calvice



O Dr. LEFAN, com 71 annos de idade e a sua famosa calvice, adquirida com a pomada NITAL, como breves hoje 25 annos.

George Satin
 Calçada do Combro, 121 — LISBOA

DOU 100000

a quem fizer uso da pomada—NITAL— não tira resultado

Excelsior! Logo me-mo que the dire, em quanto dias regula o seu頭髮.

Por 500 réis remeto uma caixa grande.

Por 1800 réis remeto 1 caixa, livro de porta.

NÃO NECESSITO ESPALHAFATOSOS RECLAMES

Toda a pessoa que se comprometer que eu era incapaz de mostrar se não fôrto xardidissimo de resultado.

Tudo em caso poder para quem quiser experimentar de cartas, comprando no seu qual-quer lanchon de pomada NITAL.

IMPORTE
 O segredo de
 manter os
 cabelos
 brilhantes
 e a calice
 e a queda
 dos cabellos
 e a calice
 e a queda
 dos cabellos



PLANTAI AS NOSSAS ARVORES
COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS
MOREIRA DA SILVA & FILHOS
 HORTICULTORES
 S-RUA DO TRIUNFO-5
PORTO
 CATALOGOS GRATIS

BRINDE AOS LEITORES

250 pés de Morangueiros em 10 das melhores qualidades de frutos grandes, á nossa escolha por 1\$600 réis sem mais despeza. Enviar esta importancia em selos, vales ou ordens postaes a

MOREIRA DA SILVA & FILHOS HORTICULTORES PORTO

Rua do Triunfo, 5

para os receberem na volta do correio.

Trabalhos de Zincogravura, Impressão e

Fotogravura, Stereotipia, Composição

FAZEM-SE NAS
 OFICINAS DA

Illustração Portuguesa

Postas á disposiçào do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inextinguivel perfeiçào

Stereotipia

De toda a especie de composiçào

Composiçào

e impressào

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Zincogravura

e **Fotogravura**

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou niclado.

Em cobre.

A cores, pelo mais recente processo—o de tricoloria.

Para jornaes, com tramas especiaes para este genero de trabalho.

OFICINAS DA **Illustração**

Portuguesa

RUA DO SEculo, 43

"Aseptal"



O Antiseptico-Perfume
superior ao borato de soda
superior ao lysol
superior ao permanganato
superior ao sublimado
Lavagens de Golpes e Feridas.
Hygiene Intima Feminina.

FARMACIA NORMAL DE LISBOA